

desta por assim dizer edição crítica de textos de que se desconhece o modelo prototípico. Mas a integridade deste *cancionerillo* não se mede apenas pelo respeito demonstrado pelas formas e pelos conteúdos menos ortodoxos ou pela sensatez da fundamentação teórica que acompanha as múltiplas questões relacionadas com as propriedades da literatura oral, popular, tradicional (autoria, transmissão, recepção, variação, contexto, temas, motivos, língua, poética); mede-se também pelo entendimento do papel estratégico desempenhado por agentes normalmente considerados corruptores da castidade da tradição literária oral, quer dizer, pessoas movidas por intuítos revivalistas; como se mede pela aceitação provisória da convivência pacífica e operativa entre os meios de comunicação de massa e a oralidade literária popular: “Al fin y a la postre, quizás sean estos nuevos *media*, que aparentemente tanto han perjudicado a la oralidad popular, los procedimientos que mejor aseguren su salvaguarda. Paradojas de la Historia” (p. 176).

Do Menor na Literatura (Oral, Popular, Tradicional). Acerca dos Livros de Ana Paula Guimarães

Carlos Nogueira

O leitor acostumado com a bibliografia crítica da literatura portuguesa, no sector não canónico das literaturas orais, populares, tradicionais, marginais e marginalizadas, não ignora certamente o encorpamento das posições de Ana Paula Guimarães a respeito dessas zonas de sombra das nossas artes verbais, como decerto não desconhece a seminal heterodoxia das suas abordagens metodológicas e teórico-hermenêuticas. A sua fascinação pela quadra popular, forma minimal supostamente inconsciente e inocente, singela e depurada de excrescências, económica e expressiva, exacta e justa, saliente em *Olhos, Coração e Mãos no Cancioneiro Popular Português* (Lisboa, Círculo de Leitores, 1992), não se esgotou nesse já corolário de um percurso académico e crítico, na altura ainda curto mas promissor. A essa dissertação de doutoramento, incomum ou única no enfoque cirúrgico com que a autora descerra e estimula os textos, para deles depreender a identidade essencial do ser português, ou de um tipo de ser português, segue-se *Abecedaria do Coração: Arte de Bem Viver no Cancioneiro Popular Português* (Lisboa, Vega, 1994), ensaio que se lê como um romance espiritual, nascido da leitura daquela primeira obra realizada por António Goetze Piano e do diálogo cúmplice que esse acto de descoberta suscitou entre o “4.º Dan de Aikido, praticante e estudioso de Zen e Yoga”, como se lê na badana, e a estudiosa

das tradições populares portuguesas seduzida pela prática de Aikido. Do trânsito entre esses dois ramos culturais procede uma análise comparativa verdadeiramente inovadora, ancorada na impressionante beleza dos poemas aduzidos pelos interlocutores-escreventes, que se rendem à discreta mas penetrante aventura das suas aproximações exegéticas. O saldo é a revelação do cancionero popular português como compêndio antropológico, prático-filosófico e estético-pragmático que ensina a bem viver, no que se aproxima das melhores fórmulas e doutrinas da tradição oriental, imensurável continente de incidências éticas e aforismáticas sobre o corpo e o espírito. *Nós de Vozes. Acerca da Tradição Popular Portuguesa* (Edições Colibri, 2000) confirma a persistência indagadora de Ana Paula Guimarães nesse húmus verbovocal memorial, num itinerário que percorre pregões, nomes, rezas, superstições, canções de berço, cantigas ao desafio, cantigas de trabalho, contos, lendas, romances, baladas, anedotas, provérbios, adivinhas. Matéria, afinal, do maravilhoso de um mundo que ainda é o nosso, problemática que Ana Paula Guimarães equaciona exemplarmente num dos seus mais recentes projectos, de que é directora e, juntamente com outros investigadores, autora, o dos folhetos de cordel (editados pela Apenas Livros, com o patrocínio do Instituto de Estudos de Literatura Tradicional da Universidade Nova de Lisboa) que acolhem artigos sobre tradições populares portuguesas:

Que regresso do maravilhoso convocaremos em Outubro de 2002, dentro das paredes da Fundação Calouste Gulbenkian, no XV Encontro de Literatura para Crianças, intitulado *A Varinha e o Condão – O Regresso do Maravilhoso? Regresso do maravilhoso sob a forma de releitura dos clássicos ou das versões originais em lugar dos sucedâneos? (Um Balde de Água Fria. Episódios de Vida e de Conto, p. 12).*

No vasto sistema de formas e modos de comunicação coberto pelo sintagma “tradição popular”, que congrega memórias, conhecimentos, valores e símbolos geralmente configurados em objectos materiais ou em objectos linguísticos de natureza não-literária ou estético-literária, objectos com ou sem consagração em testemunhos escritos, realizados oralmente e reconhecíveis colectiva e intergeracionalmente numa anatomofisiologia gizada pelas leis da tradicionalidade (anonímia, persistência, variação), Ana Paula Guimarães posiciona-se principalmente no que parece ser residual ou intersticial, menor, segundo a ideologia totalitária do cânone, que, para nós, é apenas um cânone e não o cânone, seja no campo da poesia lírica breve ou minimal, seja no tecido genológico narrativo-dramático. *Cuidar da Criação. Galinhas, Galos, Frangos e Pintos na Tradição Popular Portuguesa* (prefácio de José Augusto Mourão, Lisboa, Apenas Livros, 2002) corporiza o último envolvimento de fôlego (intelectual, emotivo, sensorial, físico) da autora com a história, a estrutura, a poética, as funções e a geografia dos objectos textuais ditos menores da cultura de tradição oral.

O que imediatamente entusiasma na interdisciplinaridade deste ensaio alegórico societário, arquitectado com a amplitude pedagógica de uma luta ecológica e política, é a sagacidade, a delicadeza e a consistência da inquirição psicocrítica. E bem se pode dizer que a mensagem substancial deste livro, que não cede a generalizações redutoras e simplistas, é maior. Ana Paula Guimarães cartografa textos, microtextos e contexturas, equaciona radicalismos ou fundamentalismos sexuais ou sexistas aí plasmados, para demonstrar, sem margem para equívocos, a proposição que o seu conhecimento dessa textualidade cifrada, incerta, movediça, concentrada e volante já lhe assentira construir. A equação em que se contrapesam as várias premissas é a de que, se o galo-homem se assume (e é assumido) como galador e galã e as galinhas-mulheres como “estúpidas e “astuciosas” (p. 178), isso prende-se mais com a cultura ditatorial e cega dos lugares-comuns e das crenças do que com a realidade das concretizações textuais que a *autora* desfia com a *autoridade* que lhes é intrínseca. Não é por acaso que o provérbio “Onde canta galo, não canta galinha” conforma seguramente o mais reputado representante literário de injunção colectiva da hegemonia social, cultural, mental, política, religiosa e física do homem. Mas, a partir de contributos como o desta obra (porque a literatura proverbial, mau grado a acentuada fixidez que a caracteriza, se movimenta em variantes, tal como toda a literatura oral), talvez aquele provérbio obstinado possa ser reinventado (“Onde canta galo, também canta galinha”, por exemplo), ou talvez possam os provérbios e outros géneros mais democráticos (“A galinha é que cobre os pintos”, “A galinha onde tem os ovos tem os olhos” ou “Aldeã é a galinha e vai à mesa da rainha”, p. 174) derrogar a actual hierarquia de vozes e de valores. A língua e a fala são criações do ser humano (ia a dizer “do homem”), mas também elas, criadas e actualizadas, recriam e engendram o seu obreiro, delineando o seu pensamento, desenhando modelos de interacção com o universo. Na viagem e na moda das palavras, nos acrescentos, nas mutilações e nas expansões que nelas ocorrem, somos nós que reconstruímos o nosso interior e envergamos ou rejeitamos máscaras. Contra a concepção maniqueísta do mundo, alinhada pelo mandamento menor da identidade sexual patente no provérbio, propõe Ana Paula Guimarães a lição maior dos contos compendiados no seu *Cuidar da Criação*, que sobrepujam largamente, devido à sua surpreendente amplidão ideo-simbólica, as antinomias menores do dominador e do dominado, da parte e do todo, da verdade e da mentira, do bem e do mal, do alto e do baixo, do superior e do inferior, do elevado e do inferior. Se o tempo é de intimidades privadas e públicas, de ilusão de democracia, que seja também tempo de relações íntimas com os seres, as palavras, as ideologias e os comportamentos supostamente insignificantes, mínimos, minúsculos; e tempo de desdizer ou de corrigir a desacertada coabitação do senso comum com as pretensas coisas de brincar ou de somenos, para que o professor de literatura, ou o professor de literatura que

em cada um de nós existe, corresponda cada vez menos ao perfil, traçado por Mendes de Carvalho, do “doutorado em poética”:

O professor de literatura
doutorado em poética
fala ex-cátedra
aos alunos
da para-literatura
contra-literatura
do sub-texto
do inter-texto
da nomenclatura
os alunos ficam
todos alunados
suados
aluados
com semelhante cultura

O professor
mexe
remexe
na derme
epiderme
da poesia

O professor
tira
destira
cobre
descobre
diz cobre
diz prata
diz que diz
não diz que disparata
codifica
descodifica
não ata
nem desata
e fica por fora
do ouro
da poesia

Namora
desnamora
por dentro
com a poesia
mama
desmama

mas não dorme
com ela
na cama.

A leitura ignorante e enviesada do mundo da *criação*, praticada por muitos dos mantenedores da cultura dominante, da que tem “voto na matéria”, a mesma que não apreende e portanto não institucionaliza a ética e a estética do cacarejo (real e figurado), do feminino e da maternidade, espelha ainda os preconceitos e as não menos distorcidas leituras que afectam o mundo da literatura popular tradicional e os códigos que lhe são mais ou menos conexos. Donde se exige a nossa atenção para um campo praticamente inexplorado dos estudos sobre literatura de tradição oral, que não podem hoje alhear-se das mutações operadas tanto intrinsecamente em muitas especificidades textuais, na dimensão co-textual, como nos contextos, no complexo de activos culturais de que os textos explícita ou implicitamente procedem e com o qual interagem. Tão importante quanto a prolação do texto da literatura oral através da voz, aqui e agora, sem outro canal e veículo senão os naturais, é hoje a transmissão/recriação dos sinais constitutivos desse texto e respectivos subtextos ou paratextos materializados em substâncias e formas peculiares, grafemáticas, icónico-visuais ou audiovisuais e sonoras, tipográficas e electrónicas, digitais e analógicas. O processo de mediatização espacializa, densifica, democratiza e eterniza a palavra literária oral, que, em vez de se fossilizar por acção dessa aparente cristalização, estabelece cada vez mais subtis relações com um público mais massivo do que, em estrito rigor, popular. E, se percebermos que a tradição é um organismo vivente, dinâmico e maleável, não custará admitir a fundição original de elementos tradicionais antigos com outros mais modernos (por exemplo, a música tradicional ou o fado com a música de dança), por mais destrutiva e excêntrica que pareçam essa fecundação e essa devolução recíprocas. Daí o aparecimento de produtos com sentido artístico-pragmático e com uma vocação memorial identitária maior do que a dos seus congéneres mais vetustos. Mesmo aceitando que o processo de transmissão interpessoal clássico é hoje raro, o que não equivale necessariamente a uma agonia sociomental insuperável, seríamos muito ingénuos se acreditássemos na dissolução da voz literária popular, que hoje, no tempo da universalização generalizada, é outra e a mesma, nas formas e nos conteúdos, sendo outra, na produção-emissão, na transmissão e na recepção.